



DIEGO MENDES SOUSA

# VELAS NÁUFRAGAS

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

IMAGEM DA CAPA: *Barcos de Pesca no Mar* (1888) de Vincent van Gogh (1853 – 1890)

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725v SOUSA, Diego Mendes. 1989 –.  
Velas naufragas / Diego Mendes Sousa – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.

102 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-532-4

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.1

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O P U S I

# ALMA LITORÂNEA

---

Sete galeras cruzavam  
por mares que desconheço:  
uma a uma deslizavam  
para o fim do meu começo.

As galeras fundearam  
triste cais emparedado:  
sete capitães tocaram  
cornetas do seu agrado.

– Pois bem, capitães, sou eu  
este porto que escolheste,  
fechando as velas ao véu  
de espessa bruma celeste.

*Benjamim Santos*

---

Este opus foi escrito em 2014, quando do meu retorno – do exílio voluntário – à Alma Litorânea, nos braços de Altaíba, no impulso das primeiras impressões de uma saudade recomposta.

## SERES ALADINOS

Nós que temos a alma litorânea:

o catador de caranguejo, a marisqueira,  
o pescador e o farol da praia da Pedra do Sal,  
o Zé do Bonéu, que comercializa chapéus na Atalaia,  
o Benjamim Santos, o Tarciso Prado, a Altair, este  
poeta, que tem a idade eternal de Castro Alves,  
aquele andarilho das dunas da Lagoa do Portinho,  
onde a sereia misteriosa e indígena dorme,  
o espantalho prateado da Lagoa do Bebedouro,  
a paisagem doirada ante o mar da Parnaíba,  
as rendeiras dos Morros da Mariana, o povo  
do Labino, os cantores do Sabiazal,  
os visionários do Olho D'água, os parentes do  
Belo Sítio, o José Filho, a Regina, a Silvana, os  
antepassados da minha fêmea na Morada do Sol, a  
Várzea da família Souza, a fazenda do Souzinha e  
da Anete, os descaminhos portuários da Barra do  
Timonha, o Boi da Ilha Grande, que fascinado vi  
no Cajueiro da Praia, em frente a casa do Carlito,  
as Paraqueiras do Gerson Castelo Branco,

todos,  
todos,

todos,  
têm a alma litorânea

E o meu coração de poeta é uma inscrição  
precisa ao evocar os seres aladinos:

Peixes,  
Caranguejos,  
Cavalos-Marinhos, Camarões,  
Tartarugas, Siris,

todos  
todos  
todos:

almas litorâneas

Carnaúbas,  
Coqueiros, Cajueiros, Pedras,  
Ventos, Mares, Mangues, Lagoas, Rios, Xananas,  
todos todos são almas litorâneas

o jurista Evandro Lins e Silva,  
o simbolista Jonas da Silva,  
o criador do Almanaque da Parnaíba:  
Benedito dos Santos Lima,  
o bardo Everaldo Moreira Vêras,  
o elegíaco Alcenor Candeira Filho,  
o romancista Assis Brasil, o escritor Berilo Neves,  
o economista João Paulo dos Reis Velloso,  
o compositor Teófilo Lima, a cineasta Karla Holanda,  
o artista plástico Francisco Galeno,

a jornalista Graça Ramos, o ator Ricco Lima,  
o amigo poeta Manoel Ricardo de Lima,  
o político Chagas Rodrigues,  
o Mão Santa,  
Rubem Freitas, Lauro Correia,  
Alberto Silva,  
todos todos, almas litorâneas  
na monazita areia do Delta do Parnaíba

Jorge Tufic, Astrid Cabral, Luiz de Miranda,  
Carlos Nejar,  
hoje almas litorâneas, ontem foram almas dos rios!

E nos caranguejos eu mato a minha raiva  
de ser homem ladino e das palavras

Ô Catador! Ô Catador!  
Faina de mil patas  
na fome suja do mangue

Ô Catador!  
Venda-me tua outra alma,  
os caranguejos, de cor marrom e sem vida  
e obscuros

Quantos mistérios  
os filhos do signo de Câncer não revelam

ESTE APRENDIZADO GRAVE PRIMEIRO:

São símbolos,  
Ricardo Cravo Albin,  
os Siris que deslizam no mar da Parnaíba, para ti,  
A MARCHA DOS SIRIS;

Todos os siris resolveram acompanhar os meus pés

Os siris  
– dezenas de patas  
azuis  
estão se afogando no mar a revelar  
a carapaça  
do amor sublimado predestinado  
à cabala dos sonhos (além do distante)  
nos arrecifes da palavra a deslizar sem rumo  
na marcha dos limites

Ó mar bonito!  
Ó mar infinito!  
Ó mar de calma!

Todos os siris e eu  
no horizonte fascinante...

Sombras da noite incompleta  
onde o meu coração  
morreu vivo



Siris, alma da minha alma, direção indiscreta  
do meu dedilhar derrotado

Só, vagando no silêncio,  
os meus siris e eu,  
em suprema tristeza...

Oh, mar cor da prata a ferir os meus olhos ignorados!

Os siris... Os siris... ensinaram-me a nadar  
na solidão dos dias emirados sob as águas

\* \* \*

Vô, agora que a morte calou a tua alegria,  
sinto a luz do teu sorriso penetrar-me a carne  
e as lembranças do outro tempo do  
amor, ante o teu silêncio,  
voltarem melancólicas

Bumbei contigo o bumba-meu-boi  
da tua terra Tutoia, da minha terra  
chamada Altaíba, boi,  
que na Parnaíba, é de São João!

Dancei contigo o samba da tua rítmica,  
no Bafo da Onça  
Cadenciei contigo os primeiros  
versos do meu alento louco  
e inesperado  
a ventar sonhos e mais sonhos sob o meu coração vadio

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2019.

---